

Uma homenagem a Heleieth Saffioti: minha maior mestra*

Maria Aparecida de Moraes Silva**

Resumo:

Neste depoimento-homenagem, a autora recupera aspectos da trajetória intelectual de Heleieth Saffioti: desde as aulas magistrais e o rigor com que conduzia o ensino de sociologia, passando pela defesa de livre-docência que deu origem ao clássico *A mulher na sociedade de classes*, marco que legitimou o campo dos estudos sobre a mulher e relações de gênero no Brasil. Como uma verdadeira artesã, Heleieth conduziu suas pesquisas relativas à exploração de classes, gênero e raça/etnia.

Palavras-chave: Heleieth Saffioti. Sociologia. Feminismo.

Mais uma vez participo de uma homenagem à Heleieth Saffioti. O primeiro destes momentos foi em 1992, na comemoração dos 25 anos da obra *A Mulher na sociedade de classes*, durante a Reunião da ANPOCS em Caxambu. Retomarei mais adiante algumas palavras então ditas, dado o fato de que é impossível falar desta intelectual feminista, sem se referir a essa obra¹. O outro foi em 2005, quando Marisa Borin, do Departamento de Ciências Sociais da PUC-SP, tomou a iniciativa de homenagear a professora Saffioti por ocasião de seu nome ter sido indicado ao Nobel da Paz, ao lado de outras 49 brasileiras, como Zilda Arns e Luiza Erundina, por integrar o Projeto Mil Mulheres, iniciado por ativistas suíças para o reconhecimento do papel feminino nos esforços pela paz.

Por ora, gostaria de falar sobre a pesquisadora e autora e tecer algumas considerações sobre seu papel enquanto educadora.

Em março de 1964, ingressei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, no curso de Ciências Sociais. Data deste período meu conheci-

* Este texto é uma reformulação da palestra proferida na PUC-SP, em outubro de 2005.

** Profa. aposentada da Unesp/Araraquara; profa. colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. End. eletrônico: maria_moraes@terra.com.br

¹ Reproduzo mais adiante parte do que foi publicado na Revista de Estudos Feministas. Ver Moraes Silva (1995)

mento de Heleieth Saffioti. De 1964 a 1967, fui sua aluna neste curso, pois ela ministrava Sociologia em todos os anos.

Quando se fala em professor, vêm-me à lembrança os vários professores dos quais recebi ensinamentos inesquecíveis e decisivos, sem os quais eu não seria o que sou. Não me situo entre os que canonizam, incondicionalmente, os professores como se todos fossem irrepreensíveis cumpridores do chamado sacerdócio da educação. Conheci ao longo da vida a exceção de professores apenas conformados com os afazeres burocráticos de seu emprego. Tanto eles poderiam estar numa sala de aula quanto num outro local qualquer. Mas tenho incondicional respeito por aquela maioria que, em condições sempre adversas, não hesitam em dar o melhor de si mesmos em favor das novas gerações. Para eles não haverá monumentos, nem creio que seu devotamento ao ensino seja condicionado por expectativa de reconhecimento. A professora Heleieth, cientista social de prestígio nacional e internacional, foi, sobretudo, uma educadora.

Minhas lembranças, enquanto sua discípula, baseiam-se, principalmente, nas aulas magistrais proferidas durante estes quatro anos. As imagens localizadas em minha memória são bastante nítidas. É como se a visse adentrando a sala de aula, com pontualidade exemplar, além do rigor, da clareza de exposição de conteúdos, muitas vezes difíceis, sobretudo no primeiro ano. Ninguém ousava chegar em atraso a suas aulas.

Grande mestra, dessas que cativam os alunos já na primeira aula, fascinados por sua retórica e extasiados com sua competência de traduzir em linguagem fácil, textos difíceis e complicadas lições. Heleieth possuía ainda outros dons de cativar seus alunos. Suas aulas, como seus textos, eram densas, de uma erudição que desafiava os alunos a seguir-lhe o exemplo e que os deslumbrava. A professora não tinha complacência com a preguiça e o comodismo. Ensinava e exigia que seus alunos aprendessem. Nem aceitava a mistificadora confusão entre ideologia e ciência em nome da militância política.

Relembri aqui a expressão de Noam Chomsky (1996), referente aos intelectuais na atualidade, os quais prosseguem se especializando na manufatura do consenso. Segundo Nelson Ascher (2005), em matéria publicada no dia 17/10 na *Folha de S. Paulo*, atualmente, acha-se em toda parte, nas escolas, na academia, entre artistas, nas publicações mais diversas, um conformismo característico dos regimes autoritários. Para ele, o que se presencia é a morte do intelectual. E os instrumentos com os quais se atingiu este sucesso suicida, em vez de cárcere ou da sala de tortura, foram a abolição da competitividade, a premiação da inapetência, a desconfiança em face do individualismo e o desestímulo à curiosidade. Ao ler esta matéria, fui tocada por seu conteúdo de verdade, na medida em que o pensamento crítico cada vez mais é relegado a pequenos nichos, porém, fui

também capaz de perceber que ainda há aqueles que não participam desta manufatura do consenso, dentre os quais, situo Helecieth que, além de professor o pensamento crítico, sempre foi professora e educadora.

Uma das grandes lições transmitidas por ela foi a incorporação da imaginação sociológica como elemento imprescindível ao ofício do sociólogo. Para Wright Mills (1959), é esta imaginação que distingue o cientista social do simples técnico. Os técnicos recebem treinamento, talvez a capacitação, termo bastante em voga nos dias de hoje. A imaginação sociológica não pode passar por treinamento. Sua essência é a combinação de idéias, que não supúnhamos combináveis até então. Pressupõe o novo, a descoberta, a aventura, a originalidade.

Segundo o dicionário, oficina é o lugar de transformação, lugar onde se pratica um ofício, isto é uma ocupação permanente de ordem intelectual ou não a que envolve certos deveres ou encargos ou um pendor natural. Wright Mills na década de 1950 se reportava à ciência social como um ofício, como algo que faz parte da vida, e não simplesmente como tarefa a ser cumprida em virtude das exigências das instituições e agências financiadoras de pesquisa por meio de relatórios e publicações. Mills assim se referia ao cientista social como um artesão intelectual em sua obra *A imaginação Sociológica*.

O ofício do artesão pressupõe a imersão na totalidade do processo de trabalho. Concepção, escolha do material a ser trabalhado, das ferramentas a serem utilizadas, são indícios necessários do *savoir faire*, isto é do *métier* do artesão, cujo produto é pautado pela marca de seu criador e definido por sua qualidade. Não se trata, portanto, de um trabalho alienado, fragmentado, medido pelo quantitativo e pelas marcas da impessoalidade e generalidade. Em suma, não se trata de uma mercadoria.

Nesse sentido, pode-se falar numa verdadeira fusão entre vida pessoal e intelectual quando se trata do ofício, particularmente do artesanato científico. O produto científico não se faz apenas com uma pesquisa empírica. Compõe-se, antes de tudo de muitos estudos, de muitas reflexões, de muitos diálogos, que, ao longo do tempo, vão se constituindo no *habitus científico*. Segundo Pierre Bourdieu (1983), o *habitus científico* é uma regra, ou um *modus operandi* científico. É interessante ressaltar que o artesão, ao mesmo tempo em que cria seu produto o faz mediante a transmissão do conhecimento a seus discípulos. Deste modo, ainda lembrando Bourdieu, o sociólogo que procura transmitir um *habitus científico* parece-se mais com um treinador desportivo de alto nível do que um professor da Sorbonne. Ele fala pouco em termos de princípios e de preceitos gerais – apesar de enunciá-los –, mas sabendo que é preciso ir mais adiante. Ele procede por indicações práticas, assemelhando-se nisso ao treinador que imita um movimento (no seu lugar eu faria assim...) ou por “correções” feitas à prática

em curso e concebidas no próprio espírito da prática.

Estas reflexões sugerem que a teoria e a epistemologia não podem ser congeladas e apartadas da prática. Elas se desenvolvem no decorrer do processo da criação. Teoria e epistemologia não podem ser consideradas como catálogo de preceitos. Logo, a teoria não pode estar separada da metodologia, que seria o caminho por meio do qual o objeto do conhecimento é desvendado.

Para Mills (1959), o ofício do sociólogo poderia ser assim resumido:

- Evitar qualquer norma de procedimento rígida. Desenvolver sempre a imaginação sociológica. Considerar o real como relacional. Evitar o fetichismo da técnica e do método.
- Evitar a singularidade bizantina dos conceitos. Usar sempre uma linguagem clara tanto para a escrita como para a fala.
- Examinar em detalhe os pequenos fatos e suas relações e os grandes acontecimentos;
- Evitar as especializações arbitrárias dos departamentos acadêmicos. Levar em conta as técnicas utilizadas por outras disciplinas, portanto, atuar, no linguajar hodierno, segundo a interdisciplinaridade;
- Reportar-se à história, ao passado. Entender o passado não como algo morto, acabado, porém como algo que pode ser revivificado, recontado, reescrito;
- Compreender os homens como sujeitos, como agentes históricos e sociais, levando-se em conta a situação destes sujeitos no contexto das estruturas sociais vigentes;
- “não devemos permitir que as questões públicas, tais como as oficialmente formuladas, nem as preocupações privadas determinem os problemas que estudamos. Acima de tudo não devemos abrir mão de nossa autonomia moral e política em favor de partidos políticos ou outros setores da sociedade. O sentido humano das questões públicas pode ser revelado relacionando-se tais questões com as preocupações pessoais e com os problemas da vida individual. Os problemas da ciência social, quando formulados adequadamente, devem incluir tanto as preocupações, como a biografia e a história e o âmbito de suas relações complexas. Dentro deste âmbito, a vida do indivíduo e a evolução das sociedades ocorrem; e dentro desse âmbito a imaginação sociológica tem sua possibilidade de influir na qualidade da vida de nossa época”. (1959: 243).

Estes elementos sempre fizeram parte do conteúdo das aulas de Heleieth Saffioti, portanto, não eram apenas a discussão de textos e a indicação bibliográfica que serviam de orientação para nós alunos e sim o aprendizado de um ofício.

Aprendi a admirar esta intelectual feminista, como uma verdadeira mestra, desde o início. Por ela, nutria sentimentos mesclados de amizade, de medo de errar, de aproximação e distanciamento. A imagem de austeridade, na verdade, escondia um profundo carinho dedicado aos seus discípulos. Com o decorrer do tempo, fui percebendo que era um privilégio tê-la como mestra, cujos ensinamentos valiam não somente para a sala de aula como também para o conjunto da vida, e que ela era um modelo a ser seguido. Vale aqui reiterar que nada do que Heleieth escreveu ou produziu pode ser entendido sem a relação íntima com a docência. Ainda mais. Coerência entre as palavras e ações, posicionamento político diante da repressão imposta pela ditadura militar naquela época, juntamente com o saudoso professor Waldemar Saffioti, negação em ser cúmplice ou compartilhar de grupos interessados na transformação da universidade em instância de poder.

Minha memória ainda registra o grande acontecimento, ocorrido em 1967: a defesa de tese de livre-docência da professora Heleieth. Durante vários dias, nós alunos disputávamos os lugares no anfiteatro repleto de pessoas para assistir à defesa. Fazíamos parte de uma torcida fiel e silenciosa. Vestida com uma beca preta, sentada a uma mesinha defronte à Banca, composta por homens e educadores ilustres, como Florestan Fernandes, Antônio Candido de Mello e Souza, Clemente Segundo Pinho, Heraldo Barbuy e Ruy Galvão de Andrada Coelho, ela ia pouco a pouco, desenrolando o novelo de argumentações claras e contundentes. A mesma postura tomada durante as aulas repetia-se agora, em sua defesa. Não me lembro do conteúdo de suas argumentações. Talvez não fosse isso o que interessasse naquele momento a nós alunos. O importante era, a partir da platéia, torcer por ela. Desconhecíamos as lutas dos bastidores no momento da composição da Banca, as exigências do Conselho Estadual de Educação, a não aceitação de alguns nomes indicados pela Congregação da Faculdade. Acompanhamos o ritual durante os longos dias que pareciam arrastar-se além do tempo, até a decisão final.

Não podíamos imaginar, então, que estávamos vivenciando o nascimento de uma obra tão importante. Uma obra gestada num período difícil, marcado pelo início da ditadura militar e pelos reflexos negativos sobre a vida acadêmica. Muito embora arcando com uma pesada carga didática, a autora conseguiu, por meio de um gigantesco esforço, dar conta deste “projeto ambicioso e complexo e que foi executado com rara maestria”, segundo as palavras de Antônio Candido, no Prefácio do livro *A mulher na sociedade de classes* (1969), que não apenas marcou época nas ciências sociais do Brasil, mas também legitimou o campo

dos estudos sobre a mulher e relações de gênero, abrindo espaço para muitos projetos acadêmicos seguintes.

Muitos outros projetos ambiciosos e complexos foram elaborados, desde então, traduzidos em livros, artigos, capítulos de livros, além de conferências, palestras, em várias partes do Brasil e no exterior. Impossível se deter em toda a extensão e profundidade da obra da professora Heleieth, nestas poucas linhas. Seus ensinamentos extrapolaram os muros das universidades nas quais trabalhou. Expandiram-se pela sociedade, por meio dos movimentos feministas, dos grupos de mulheres de diferentes bandeiras de reivindicações sociais, além dos organismos do Estado.

Quando em 15 de outubro de 2005, telefonei para lhe cumprimentar pelo dia do professor, data pouco lembrada nos dias de hoje, ela me dizia que estava preparando um documento acerca da descriminação do aborto. Ao telefone, ela insistia na sua posição em defesa da justiça social. Suas palavras: *“Não adentro as questões morais, pois estas dizem respeito às pessoas, individualmente. Não é justo que as ideias de uns poucos passem a dominar os destinos de muitas mulheres, discriminando-as e, ao mesmo tempo, criminalizando-as”*. Este é apenas um exemplo que ilustra sua função de educadora. Por meio de um simples colóquio ao telefone, ela se preocupava em transmitir sua prática social e política. Arriscaria mais um exemplo. Jantávamos juntamente com a grande amiga, Éster Rossini, num restaurante e um dos assuntos discutidos versava sobre as mortes de trabalhadores rurais, cortadores de cana, ocorridas, supostamente, em razão do excessivo esforço ao qual são submetidos. Ao relatar este fato, eu argumentei que tivera conhecimento que parte do açúcar exportado era para a produção de uma liga asfáltica. Em seguida, ela ponderou que isso teria sentido, pois quando criança, ela se recordava de que as pessoas utilizavam o açúcar em fermentos de crianças, em razão de ser cicatrizante. Eu também tinha esta lembrança. No entanto, até então não cogitara fazer esta ligação. Logo, pensei: com ela, sempre aprendo. Tais exemplos, ainda que singelos e resultantes do cotidiano, ilustram o significado do ofício do qual ela é a mestra e de sua capacidade de possuir a imaginação sociológica.

Segundo as palavras de Hannah Arendt – ditas quando seu amigo, o filósofo Karl Jasper, faleceu –, o que ocorre com uma obra, depende da direção que o mundo toma. Mas o simples fato de que essa obra representa uma vida vivida não se torna imediatamente compreensível e pode ser esquecida. O importante é relembrar a vida da pessoa, o que lhe é mais peculiar, seu jeito, suas palavras, sua maneira de falar, seus gestos únicos (Arendt & Jaspers, 1995).

Como ex-aluna, como amiga, ressoam-me as lembranças de mestra exemplar, de uma vida dedicada à sociologia. Uma verdadeira artesã, cujo ofício, foi se desenvolvendo com extremo zelo durante a vida. Para as inúmeras gerações

de alunos, Heleieth foi mais do que uma professora atenciosa e cumpridora de suas responsabilidades acadêmicas. Ela foi a mestra do nosso ofício.

Acompanhando suas publicações desde os idos de 1967, é possível perceber que as ideias lá presentes, relativas à exploração de classes, gênero e raça/etnia, foram a marca de suas pesquisas. Marcas impressas da mesma forma que a mão do oleiro na argila do vaso, se reporta ao seu criador.

Em 14 de dezembro de 2010 recebi a notícia do falecimento de Heleieth. As palavras ditas em 1992, 1995 e 2005 se reproduzem agora permeadas por sentimentos de perda de minha maior mestra.

Bibliografia

- ARENDETT, Hannah & JASPERS, Karl (1995). *Correspondance: 1926-1969*. Paris: Payot et Rivages.
- ASCHER, Nelson (2005). Fim dos intelectuais. *Folha de S. Paulo*, 17 de outubro.
- BOURDIEU, Pierre (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- CHOMSKY, Noam. (1996). *Novas e velhas ordens mundiais*. São Paulo: Scritta.
- MILLS, Wright (1959). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MORAES SILVA, Maria Aparecida (1995). O nascimento de uma obra. *Revista de Estudos Feministas*, v. 3, n.1, Florianópolis.
- SAFFIOTI, Heleieth (1969). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes.